

A dimensão humana da globalização

Globalização: as conseqüências humanas.

Zygmunt Bauman.

Rio e janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

*Joviles Vitório Trevisol**

Bauman é um intelectual relativamente desconhecido do público brasileiro. O contato com as idéias desse autor começou a ser facilitado graças à iniciativa da Editora Jorge Zahar que, nos últimos dois anos, publicou alguns de seus trabalhos mais importantes¹. O título do livro que estamos resenhando – *Globalização: as conseqüências humanas* – é pouco pomposo e, a tomar por ele, nenhuma novidade ou contribuição parece indicar para o conjunto das discussões que o tema da globalização despertou nas últimas duas décadas, inclusive no interior da sociologia. Afinal de contas, apontar as conseqüências das dinâmicas societárias – ou, simplesmente, da estrutura – so-

bre a vida dos indivíduos e dos grupos sociais é atribuição clássica da sociologia e, no que diz respeito à globalização, cientistas sociais como Wallerstein², Giddens³, Robertson⁴, Ianni⁵, Souza Santos⁶, Beck⁷, e outros, têm feito isso com muita propriedade.

Dada a riqueza desses trabalhos, especialmente pelas suas contribuições na estruturação mínima de uma “sociologia da globalização”, o que torna, então, o livro de Bauman uma referência importante e capaz de mobilizar nossa imaginação sociológica? Uma razão, sobretudo. O fato de analisar o fenômeno global sob o prisma da ambivalência. O autor mobiliza a noção de ambivalência e confere a ela um “status” claramente analítico. A globalização que o autor revela por meio dessa opção analítica não poderia ser outra a não ser um processo alta-

*Doutorando do programa de pós-graduação do Departamento de Sociologia FFLCH - USP

mente dinâmico e contraditório. A ambivalência – e isso é importante frisar – não diz respeito apenas à *forma* ou ao pressuposto teórico-metodológico empregado na análise; é, também, o *conteúdo*. A “natureza” e todas as consequências que se depreendem do fenômeno global são essencialmente ambivalentes.

Para que esse comentário não pareça elementar, nada mais apropriado que iniciar traçando uma pequena comparação entre a perspectiva de análise de Bauman e a de outros autores, especialmente a de Anthony Giddens. E a escolha desse contraponto não é aleatória. Embora o autor não explicita isso literalmente, Giddens é a referência de fundo para a qual Bauman se volta a todo momento, algumas vezes para reafirmar sua concordância e, noutras, para abrir distância.

A reflexão de Giddens sobre globalização tornou-se paradigmática na última década devido a seu empenho em captar a dialeticidade entre os fluxos globalizantes. Linearidade e descontinuidade, homogeneidade e heterogeneidade, local e global, interno e externo, economia e política, tempo e espaço não são conceitos que se antagonizam e/ou se excluem. Longe de ser processo unitário que tende a uma única direção, a globalização é um conjunto de mudanças com resultados mistos e frequentemente contraditórios. É alongamento⁸, um processo externo, uma “ação a distância”, mas que se nutre das ações individuais e das circunstâncias da vida local. Não é sinônimo de “sistema mundial” e não está, simplesmente, “aí fora”. É, também, um fenômeno “aqui dentro”, direta-

mente ligado às circunstâncias da vida local⁹. Eventos distantes, econômicos ou não, afetam-nos mais direta e imediatamente. Inversamente, decisões que tomamos como indivíduos são, com frequência, globais em suas implicações. A globalização não diz respeito apenas à criação de sistemas em grande escala. É também a transformação de contextos locais e até mesmo pessoais de experiência social.

Mediante um breve recuo pela trajetória intelectual de Giddens, essa análise da dinâmica global nos faz lembrar sua teoria da estruturação e, especialmente, suas reflexões em torno da noção de agência¹⁰. É justamente essa referência teórica que leva o autor a ver a interdependência entre espaço e tempo, local e global, estrutura e agência. No interior do processo global, esses pares não são opostos e nem há qualquer nível de disjunção. Um retroalimenta o outro.

Bauman também não sugere disjunção. Concorda com Giddens que a globalização é um fenômeno dialético, aberto e que “não tem a unidade de efeitos como se supõe comumente” (p.8). O significado mais profundo transmitido pela idéia da globalização, segundo o autor (p.67), “*é o do caráter indeterminado, indisciplinado e de autopropulsão dos assuntos mundiais; a ausência de um centro, de um painel de controle, de uma comissão diretora, de um gabinete administrativo. A globalização é a “nova desordem mundial”. Hoje o mundo é composto de forças díspares e dispersas, que se reúnem em pontos difíceis de prever e ganham impulso sem que ninguém saiba realmente como pará-*

las. Não há mais uma localidade com arrogância bastante para falar em nome da humanidade como um todo ou para ser ouvida e obedecida pela humanidade ao se pronunciar. Nem há uma questão única que possa captar e teleguiar a totalidade dos assuntos mundiais e impor a concordância global”.

Em virtude da expansão das novas tecnologias de comunicação e dos transportes, o espaço e o tempo passaram a se transformar com mais rapidez e profundidade. Mais objetivamente, modificou-se substancialmente o uso que os diferentes indivíduos e grupos sociais fazem do espaço e do tempo. É justamente nesse particular que Bauman distancia-se de Giddens. Enquanto este último vê apenas interdependência entre tempo e espaço e entre o local e o global, Bauman denuncia esse excesso de abstração e cita inúmeras “conseqüências humanas da globalização” para argumentar que a posição social e geográfica dos indivíduos determina o modo como essas mudanças são sentidas e vivenciadas. Nas palavras do próprio autor (p. 8): *“Os usos do tempo e do espaço são acentuadamente diferenciados e diferenciadores. A globalização tanto divide como une; divide enquanto une – e as causas da divisão são idênticas às que promovem a uniformidade do globo (...) O que para alguns parece globalização, para outros significa localização; o que para alguns é sinalização de liberdade, para muitos outros é um destino indesejado e cruel (...) Ser local num mundo globalizado é sinal de privação e degradação social. Os desconfortos da existência localizada compõem-se do fato de*

que, com os espaços públicos removidos para além do alcance da vida localizada, as localidades estão perdendo a capacidade de gerar e negociar sentidos e se tornam cada vez mais dependentes de ações que dão e interpretam sentidos, ações que elas não controlam”.

É verdade, sustenta Bauman, que a globalização atinge a todos, mas não da mesma forma. Esse é o núcleo central de sua natureza ambivalente. Divide enquanto une, integra e desintegra, insere e segregava. Para os novos “proprietários ausentes” ou para a elite móvel, o espaço tem pouca importância. As novas tecnologias facilitam a mobilidade física e, sobretudo, mover-se mesmo estando parados. E a mobilidade, lembra o autor (p. 16), *“tornou-se o fator de estratificação mais poderoso e mais cobiçado, a matéria de que são feitas e refeitas diariamente as novas hierarquias sociais, políticas, econômicas e culturais em escala cada vez mais mundial”.* A elite financeira é livre para explorar e abandonar as conseqüências dessa exploração. Liberta-se das obrigações com os empregados, com os jovens, com as gerações futuras e com a auto-reprodução das condições gerais de vida (Ibid). Livrar-se da responsabilidade pelas conseqüências é o ganho mais cobiçado e ansiado que a nova mobilidade propicia ao capital sem amarras locais, que flutua livremente. A nova liberdade do capital torna-se negligente em relação às populações que a alimenta. As elites *“escolheram o isolamento e pagam por ele prodigamente e de boa vontade. O resto da população se vê afastado e forçado a pagar o pesado preço cultural, psicológico e político de*

seu novo isolamento” (p. 29). Os incapazes de fazer de sua vida uma opção e de pagar pelos custos de sua segurança são simplesmente postos para “fora da cerca”. Em síntese, “*a extra-territorialidade da nova elite*” implica a “*territorialidade forçada do resto*” (p. 31).

A anulação das distâncias temporais/espaciais produzida pela tecnologia, em vez de homogeneizar a condição humana, tende a polarizá-la. Enquanto uma parte da humanidade emancipa-se das restrições territoriais e desfruta uma “liberdade sem precedentes face aos obstáculos físicos e uma capacidade inaudita de se mover e agir a distância”, a outra vive a “impossibilidade de domesticar e se apropriar da localidade da qual tem pouca chance de se libertar para mudar para outro lugar” (p. 25). O que é opção livre para alguns, afirma Bauman, “abate-se sobre os outros como destino cruel” (p. 78).

Uma parte integrante dos processos de globalização é a progressiva segregação espacial, a progressiva separação e exclusão. Os habitantes do Primeiro Mundo, salienta Bauman (p. 97), “*vivem no tempo; o espaço não importa para eles, pois transpõem instantaneamente qualquer distância (...)* Os habitantes do Segundo Mundo, ao contrário, *vivem no espaço, um espaço pesado, resistente, intocável, que amarra o tempo e o mantém fora do controle deles. O tempo deles é vazio: nele ‘nada acontece’.*”

O Estado-nação não está imune a essas profundas e contraditórias transformações. Aliás, o próprio Estado está sendo expropriado (p.73). Os três pés de sua soberania, afirma

Bauman, “*foram quebrados e sem esperança de conserto. A auto-suficiência militar, econômica e cultural do Estado – de qualquer Estado –, sua própria auto-sustentação, deixou de ser uma perspectiva viável. Para preservar sua capacidade de policiar a lei e a ordem, os Estados tiveram que buscar alianças e entregar voluntariamente pedaços cada vez maiores de sua soberania. E quando a cortina foi afinal descerrada, descobriu-se um cenário desconhecido, povoado por estranhas personagens*” (71-2).

Essas personagens formam a classe capitalista transnacional, um conjunto de forças transnacionais que vêm se fortalecendo à medida que o capitalismo financeiro global expande seus raios de influência. Seus “ataques” solapam a soberania econômica do Estado-nação e, sobretudo, abrem uma separação entre economia e política. Num mundo em que o capital não tem domicílio fixo e os fluxos financeiros estão bem além do controle dos governos nacionais, muitas das alavancas da política econômica nacional não mais funcionam. Os Estados-nação tornam-se cada vez mais executores e plenipotenciários de forças que não esperam controlar politicamente (p. 73). Nos termos do próprio Bauman: “*Devido à total e inexorável disseminação das regras de livre mercado e, sobretudo, ao livre movimento do capital e das finanças, a “economia” é progressivamente isentada do controle político; com efeito, o significado primordial do termo “economia” é o de “área não política”. O que quer que restou da política, espera-se, deve ser tratados pelo*

Estado, como nos bons velhos tempos – mas o Estado não deve tocar em coisa alguma relacionada à vida econômica: qualquer tentativa nesse sentido enfrentaria imediata e furiosa punição dos mercados mundiais” (p. 74).

O capital financeiro e suas viagens globais são tão imateriais quanto a rede eletrônica que os conduz. Porém, suas conseqüências locais são dolorosamente reais: a destruição das economias nacionais e a exclusão de milhões de pessoas. Os “proprietários ausentes” livram-se de qualquer responsabilidade social. Fortunas nascem e crescem na realidade virtual, livres da legislação trabalhista, dos sindicatos, das greves e da maioria dos impostos sobre a produção. A criação de riqueza está libertando-se das limitações locais. Os antigos ricos precisavam dos pobres para fazê-los e mantê-los ricos. Os novos precisam cada vez menos dos mais pobres. A bem-aventurança da liberdade total, afirma Bauman (p. 80), está finalmente próxima.

A perda de soberania do Estado-nação o conduz a uma profunda crise de legitimidade. Diminuindo a capacidade do Estado de resolver os problemas concretos dos cidadãos que formalmente representa, cresce a descrença em relação às instituições políticas e o espaço público se contrai. As saídas passam a ser buscadas no plano individual, uns buscando o sucesso e, a grande maioria, a sobrevivência.

Essa incapacidade, cada vez mais evidente, do Estado promover o bem-estar para todos, é minimizada mediante o deslocamento de recursos para a aplicação da lei e o controle da ordem (p.111-36). As pressões pela melhoria das condições de vida são respondidas através de políticas públicas de controle da violência. Em quase todos os países cresce o número de pessoas na prisão ou que esperam sentenças. A rede de prisões está aumentando em escala mundial. Nos Estados Unidos, mais de 2% da população estão sob controle do sistema penal. Em 1979 havia 230 prisioneiros para cada grupo de 100.000 habitantes. Em janeiro de 1997 já eram 649. Esse crescimento é visível também em países que, historicamente, são reticentes em recorrer a sentenças de prisão. No período entre 1960 e 1997, na Holanda a proporção subiu de 30 para 86 por grupo de 100.000 habitantes. Na Inglaterra e Gales a proporção chegou a 114 (p. 122-3).

O retrato de Bauman sobre a globalização pode não ser perfeito e tão verdadeiro. Esse julgamento quem pode fazê-lo são seus leitores e, o veredicto final, será dado pela história. De qualquer modo, a lucidez do autor nos coloca diante de paisagens pouco reveladas e, diante delas, é impossível não reconhecê-las em nosso cotidiano e indignar-se. Que esta resenha sirva de incentivo para um encontro com as idéias de Bauman. ■

¹ Ver: O mal-estar da pós-modernidade, modernidade e Holocausto, modernidade e ambivalência e, o livro que estamos resenhando, globalização: as conseqüências humanas.

² Entre os trabalhos de Immanuel Wallerstein sobre o tema, ver especialmente: *The capitalist world-economy*. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.

³ Os dois trabalhos mais importantes de Anthony Giddens sobre globalização são: *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Unesp, 1991 e *Para além da esquerda e da direita*. São Paulo: Unesp, 1996.

-
- ⁴ De Roland Robertson ver: *Globalization. Social theory and global culture*. London: Sage, 1992.
- ⁵ Octávio Ianni em: *A sociedade global*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992; *As Teorias da Globalização*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995 e *A era do globalismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.
- ⁶ Em Boaventura de Sousa Santos, ver: *Toward New Common Sense*. New York: Routledge, 1995 (especialmente o capítulo 4);
- ⁷ De Ulrich Beck, ver: *Que és la globalización? Falacias del globalismo, respuestas a la globalización*. Barcelona: Paidós, 1998.
- ⁸ A globalização, afirma Giddens em "As conseqüências da modernidade"(1991:69), é "este processo de alongamento, na medida em que as modalidades de conexão entre diferentes regiões ou contextos sociais se enredaram através da superfície da Terra como um todo (...) Pode ser assim definida como a intensificação das relações sociais em escala mundial, que ligam localidades distantes de tal maneira que acontecimentos locais são modelados por eventos ocorrendo a muitas milhas de distância e vice-versa. Este é um processo dialético porque tais acontecimentos locais podem se deslocar numa direção inversa às relações muito distanciadas que os modelam".
- ⁹ Não deveríamos, afirma o autor, "pensar em globalização como um processo unitário que tende a uma direção única, mas sim como um conjunto complexo de mudanças com resultados mistos e freqüentemente contraditórios. A globalização implica a idéia de uma comunidade mundial, mas não a produz; essa comunidade é marcada igualmente pela globalização de influências "ruins" e de influências integradoras. As influências globalizantes são divisoras e unificadoras, criando novas formas de estratificação e com freqüência produzem conseqüências opostas em diferentes regiões ou localidades. Esses eventos e mudanças não são mais passados apenas do Ocidente para o resto do mundo. Dessa forma, o desenvolvimento industrial do Ocidente está diretamente ligado à desindustrialização das indústrias mais antigas no cerne dos países centrais da ordem global (...) No nível cultural, a globalização tende a produzir diásporas culturais. As comunidades de gosto, hábito e crença com freqüência tornam-se desvinculadas de lugar e também dos limites da nação. Traços culturais diaspóricos são freqüentemente padronizados e, como tais, influenciados pela propaganda de massa e pela objetivação cultural. Estilos de moda, do terno ao jeans, o gosto musical ou cinematográfico, ou até mesmo as religiões assumem dimensões globais. (...) A globalização também leva a uma insistência na diversidade, uma busca de recuperação de tradições perdidas e uma ênfase na identidade cultural local (In: "Para além da esquerda e da direita", 1996: 96).
- ¹⁰ No capítulo I da obra "A constituição da sociedade" (Ed. Martins Fontes, 1989), Giddens apresenta uma descrição detalhada do que entende por agência e sua função no interior